

METÁFORAS NO DISCURSO DOS MORTOS: O CASO DO *VALE DO AMANHECER*

METAPHORS IN THE SPEECH OF THE DEAD: THE CASE OF *VALE DO AMANHECER*

Bruno de Jesus Espírito Santo*

RESUMO: A história nos conta que desde os tempos do Egito Antigo, os homens possuem um apetite singular em se relacionar com o além-túmulo. Defronte a este fato instigante, nos interessamos a investigar neste trabalho se a linguagem figurada se elenca como um portal que conecta linguisticamente o mundo dos vivos com o mundo dos mortos. Utilizamos para tanto os aportes teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva e a sua Teoria da Metáfora Conceptual para analisar duas mensagens de entidades espirituais canalizadas por médiuns que para a crença da doutrina espiritualista brasileira *Vale do Amanhecer*, podem recebê-las. Feito isso chegamos as seguintes conclusões: 1) A metáfora elenca-se como uma ponte que possibilita de maneira singular e fluída interlocuções entre humanos e espíritos; 2) Esse fato se dá porque as entidades incorporadas nos sujeitos que utilizam-se para se fazerem presentes aproveitam-se de todo o conteúdo conceptual e sociocultural apreendido experiencialmente por estes instrumentos, costurando por meio destes tecidos linguísticos-discursivos textualmente coesivos e coerentes; 3) Ao ouvirem as mensagens figurativamente estruturadas, os ouvintes do além conseguem tanto traçar novas formas de pensamento quanto novos moldes de ordenamentos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Metáfora. Espiritualidade. Morte.

ABSTRACT: History tells us that since the times of Ancient Egypt, men have had a singular appetite in relating to the afterlife. Facing this instigating fact, we are interested in investigating in this paper whether the figurative language is a portal that linguistically connects the world of the living with the world of the dead. To do so, we used the theoretical and methodological contributions of Cognitive Linguistics and its Conceptual Metaphor Theory to analyze two messages from spiritual entities channeled by mediums who, according to the belief of the Brazilian spiritualist doctrine *Vale do Amanhecer*, can embody them. Having done this, we reached the following conclusions: 1) The metaphor behaves as a bridge that enables singular and fluid interlocutions between humans and spirits; 2) This fact occurs because the entities embodied by the subjects take advantage of all the conceptual and sociocultural content experientially learned by these instruments, sewing through these linguistic-discursive fabrics textually cohesive and coherent; 3) By listening to the figuratively structured messages, the listeners in the afterlife are able both to trace new ways of thinking and new patterns of social orderings.

KEYWORD: Cognitive Linguistics. Metaphor. Spirituality. Dead.

1 INTRODUÇÃO¹

É uma questão instigante o fato de que desde muitas eras atrás os homens possuem um interesse e um desejo subjetivo de ouvir os mortos. Em sua pesquisa historiográfica, Franklin Santos (2007) pontua, por exemplo, que em uma das sociedades antigas conhecidas e admiradas atualmente – o Egito – as considerações dos espíritos vivos no além-túmulo tinham função central no ordenamento social e cultural daquele povo. Através das informações contidas em *O Livro dos Mortos*, os vivos sabiam exatamente quais eram as condições determinadas para que eles tivessem uma “boa morte”, o caráter e as escolhas de cada um eram fatores determinantes na delegação do destino do defunto no seu momento de travessia. Além disso, vale ressaltar que, como assinala Barbosa (2013), o sagrado nessa sociedade era totalmente controlado pela escuta dos desejos dos que no além habitavam, sendo os deuses as únicas entidades espirituais que eram prontamente ouvidas e atendidas pelos comandantes maiores do Egito, os faraós.

Na contemporaneidade, o impulso humano pelo sobrenatural pode ser exemplificado pela criação e articulação, dentre as diversas correntes simbólico-religiosas existentes, do Espiritismo. No contexto positivista da França do século XIX no qual o apreço à crença religiosa estava em decadência (FERNANDES, 2008), Allan Kardec buscou demonstrar de maneira experimental a existência do universo espiritual. Nesse sentido, desafiou o cenário racionalista do seu tempo, e se dispôs a sentar, junto a outras pessoas que se denominavam como médiuns, para ouvir mensagens de grandes personalidades históricas mortas como Platão e Sócrates (SANTOS, 1997). Depois de todo o seu trabalho que se deu a partir de

¹Agradeço à Profa. Dra. Edwiges Morato pelas indicações teórico-metodológicas que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

perguntas e respostas, Kardec lançou *O Livro dos Espíritos* em 1857, obra que hoje já conta com mais de 200 edições lançadas e vendidas (ABBADE, 2016).

Cavalcanti (2005) destaca que, para diversas comunidades socioculturais no planeta, a morte mata, mas os mortos não morrem, já que a alma é eterna. Assim como ao nos depararmos com a ideia de que desde muito tempo o Brasil é um país imerso numa forte tradição espiritual e religiosa (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009), este trabalho buscará verificar, no nível do campo da análise da ciência linguística, como a linguagem metafórica colabora para que as entidades espirituais possam se comunicar com os moradores do plano físico de maneira discursivamente coesa e coerente. Ou seja, averiguaremos se a figuratividade age como elemento organizador de sentido em textos que tem a autoria atrelada a quem, como se diz metaforicamente, “já partiu dessa para melhor!”.

A traçar esse objetivo, esse trabalho utilizará como *corpus* duas comunicações disponibilizadas de maneira pública na internet de mentores de luz chamados de Pretos-Velhos. Para a doutrina religiosa genuinamente brasileira do *Vale do Amanhecer* (VDA) estes são espíritos de sujeitos mortos que viveram na Terra há muito tempo. Ao evoluírem espiritualmente, tornaram-se grandes entidades ancestrais, e por terem significativo amor e apreço pelos que no mundo residem, decidiram retornar para orientar os que habitam no mundo dos vivos no que tange as suas condutas, atitudes e escolhas. Eles também teriam o papel de afagar as dores de quem sofre e não entende a motivação da sua aflição. Por isso, incorporam sujeitos que dizem ser capazes de serem instrumentos de comunicação desses espíritos. No *Vale do Amanhecer* esses médiuns são identificados como Aparás. Conforme assinala Oliveira (2014b), a relevância da comunicação desses espíritos é singular, já que através da escuta deles diversas pessoas ressignificam os seus problemas compreendendo sua motivação. Como consequência da reformulação de sentidos, essas mensagens vindas diretamente do além-túmulo ajudam os sujeitos na reelaboração de seus percursos pessoais,

redesenhando-os sob contornos mais harmônicos e equilibrados, tanto para si próprios como para a vida social.

Afiliado aos estudos da metáfora na sua virada sociocognitiva, cultural e discursiva (LAKOFF; JOHNSON, 1980; SALOMÃO, 1999; KÖVECSES, 2003, 2005; VEREZA, 2007, 2010, 2013; SILVA; LEITE, 2015; MORATO, 2013) este trabalho procurará preencher uma lacuna deixada pelos estudos socioantropológicos que já buscaram estudar o *Vale do Amanhecer*, como a belíssima pesquisa antropológica de Ana Galinkin (2008) e o extenso trabalho descritivo-etnográfico de Amurabi Oliveira (2010, 2011, 2014a, 2014b). Nesses textos os seus respectivos autores até assinalam sobre a importância da linguagem no evento de comunicação dos Pretos-Velhos com os que os procuram, contudo, não há nessas abordagens um mergulho profundo e minucioso sobre como se constitui um organismo vivo e singular nesse processo.

Diante disso, seguiremos as seções adiante a fim de que possamos tentar responder ao fim deste trabalho as seguintes questões: Os mortos utilizam-se da linguagem metafórica? Se sim, como a utilizam e por que a utilizam?

2 O VALE DO AMANHECER: BREVE RELATO DA SUA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA, CARACTERÍSTICAS INTERNAS E A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO DOS PRETOS VELHOS

O *Vale do Amanhecer* tem sua origem entrelaçada à de Neiva Chaves Zelaya, sergipana nascida em Propriá no ano de 1925. Aos 33 anos de idade, Tia Neiva – como ficou carinhosamente conhecida – passa a ter visões espirituais até então inéditas. Católica, sem discernir muito bem o que estava acontecendo consigo mesma, começa então a peregrinar em centros espíritas em busca de respostas, quando descobre que quem estava tentando entrar em contato com ela era o índio de origem tupinambá “Pai Seta Branca” (OLIVEIRA, 2010). Num verdadeiro

cenário de autoconhecimento, recebe a mensagem de que ela teria sido escolhida, por essa entidade que em encarnações anteriores teria sido o santo católico São Francisco de Assis, a ser a portadora da missão de trazer à Terra a doutrina do “novo milênio”, ou seja, a religião da preparação da humanidade para uma nova era.

Tendo migrado para a região de Brasília para trabalhar como caminhoneira em seu período de construção, recebe a informação de Pai Seta Branca de que era na cidade satélite da capital do Distrito Federal, Planaltina, que deveria implantar-se o Templo-Mãe do *Vale do Amanhecer* (SANTO, 2019). Nesse intuito, junta-se então ao seu segundo marido, Mário Sassi, em 1969, para erguer os alicerces estruturais dessa nova corrente religiosa de raiz genuinamente brasileira, que conforme Oliveira (2011), reúne dentro de si um caldeirão de sincretismo. Elementos filosóficos e ritualísticos da cultura indígena, egípcia, asteca, oriental e de tradições religiosas como a do catolicismo, do espiritismo kardecista, da umbanda e do candomblé são ressignificados e readaptados de forma prática e dogmática na doutrina de Neiva Chaves Zelaya (OLIVEIRA, 2014a).

Para isso, segundo Galinkin (2008), foi necessário a formação de uma liderança bicéfala: Neiva, a médium clarividente, exerce o papel da líder carismática e acolhedora, já que era através dela que as diversas pessoas que procuravam ajuda espiritual tinham respostas para as suas dores e aflições. Já Mário, o racional, exercia a função do líder administrativo, cuidando de todo o sistema burocrático e legal da doutrina. A fundação se formou de alguns princípios brasileiros para a formação de sua estrutura filosófica, dentre os quais estão as seguintes ideias: (i) todos os seres humanos têm o livre-arbítrio de fazerem as escolhas que quiserem para as suas vidas, entretanto, aqueles que tomam conhecimento da sua missão espiritual podem ter suas jornadas físicas e espirituais melhoradas e evoluídas, caso o ser se disponibilize a trabalhar na lei do auxílio e da caridade e (ii) a prática do amor, da humildade e da tolerância deve

fazer parte da vida cotidiana de cada um, pois quem ama será um dia amado, quem é empático receberá um dia empatia e quem compreende será um dia compreendido. A seguir apresentamos uma foto dos fundadores do *Vale do Amanhecer*.

Figura 1 – Mário Sassi e Tia Neiva, fundadores do VDA



Fonte: Arquivo do autor.

Como citado anteriormente, o principal papel do *Vale do Amanhecer* seria preparar a humanidade para um novo tempo, tempo este que seria trazido a partir do oferecimento de trabalhos de cura espiritual desobsessiva, ofertada gratuitamente a quem a procurasse-se (OLIVEIRA, 2014b). Isso se daria por meio do trabalho dos médiuns da doutrina, que conscientes das suas jornadas cármicas, teriam de se disponibilizarem como instrumentos da espiritualidade para tanto saldar os seus débitos transcendentais, quanto aliviar os problemas dos que sofrem. Nesse sentido, se estabeleceu que todos no *Vale do Amanhecer* se resguardariam a um tipo de mediunidade: a do Apará e a do Doutrinador. Os primeiros seriam aqueles que teriam a responsabilidade de receber variados Espíritos de Luz como os Pretos-Velhos e Espíritos Não-Evoluídos que se achem no lugar em busca de sair da escuridão. Os segundos seriam os chamados “médiuns de olhos abertos” já que eles instruiriam e comandariam todos os trabalhos do VDA.

Ao chegar no Templo do Amanhecer qualquer pessoa pode reconhecê-los a partir da seguinte simbologia: aqueles cujo colete registra um símbolo triangular

são os Aparás; já os de colete grafado com o símbolo da cruz são os Doutrinadores.

Figura 2 – Símbolo do Apará e do Doutrinador no VDA.



Fonte: Oliveira (2014a).

Em nosso estudo, estamos interessados na questão específica do médium de incorporação, “tendo em vista que este médium é um canal de comunicação entre este mundo e o mundo espiritual, servindo tanto aos demais médiuns quanto aos pacientes que ali chegam e buscam realizar consultas” (OLIVEIRA, 2014b, p. 160). São eles que recebem os Pretos-Velhos, espíritos os quais os adeptos do VDA acreditam serem de sujeitos escravos encarnados no Brasil Colonial que evoluíram e se dispuseram na missão junto à Tia Neiva de tornar o mundo melhor através da evolução espiritual. Eles atendem principalmente nos chamados Tronos Vermelhos, local no interior dos Templos do Amanhecer, entretanto também podem passar mensagens espirituais coletivas quando são invocados pelos presidentes dessas casas, a fim de que possam iluminar a vida das pessoas por meio das palavras.

Figura 3 – Tronos Vermelhos no Vale do Amanhecer



Fonte: Arquivo do autor.

Além do Templo-Mãe em Planaltina-DF, que atualmente abriga mais de 50 mil médiuns morando ao seu entorno, esses espíritos incorporam nos médiuns trazendo mensagens de aconselhamento e conforto emocional e espiritual nos mais de 800 templos externos do VDA que existem ao redor de todo o território brasileiro, bem como em cenário internacional no qual a doutrina já se faz presente em 7 países (OLIVEIRA, 2010). Pensando que, como indaga Oliveira (2014a), esses espíritos possuem lugar central nesses espaços já que são através das ponderações deles que os visitantes chamados de “pacientes” e os médiuns ressignificam e reordenam suas aflições, problemas e questões sociais. Desse modo, é singular que observemos como estas entidades utilizam-se do maquinário linguístico-discursivo da linguagem para serem ouvidos e entendidos pelos que os procuram. Pai João de Enoque, por exemplo, figura entre os Pretos-Velhos mais importantes da doutrina, considerado espírito executivo, sua energia sempre é invocada em trabalhos como a Mesa Evangélica e o Aramê:

Figura 4 – Representação Artística de Pai João de Enoque



Fonte: Arquivo do autor.

Conhecer a Corrente Indiana do Espaço – o VDA, é uma experiência singular, “sua mistura eclética de símbolos e referências culturais deixa qualquer neófito encantado, o brilho, as cores, os cânticos, tudo conflui para que aquele espaço seja, ao mesmo tempo, reconhecido como familiar e também estranho, completamente novo” (OLIVEIRA, 2014b, p. 39). Além disso, por essa instituição religiosa disponibilizar, de maneira gratuita, a possibilidade de contato com os que no mundo dos mortos habitam, ela torna-se socioculturalmente potencial para estudo, já que se constitui como um local que procura atender o desejo subjetivo humano historicamente apontado na introdução deste trabalho em saber, dentre outras coisas, a opinião daqueles que já se foram. É um verdadeiro hospital espiritual, de práticas extensas de cunho terapêutico.

Por isso, ao termos escutado duas dessas mensagens dadas de forma coletiva disponibilizadas de forma pública no website *Youtube* pelo Templo Aldanos do Amanhecer (SP) e do Templo do Amanhecer Baiano (BA), e termos percebido que as essas produções textuais divinas eram estruturadas pelo viés da linguagem figurada, procuraremos aferir o papel da metáfora nessa construção, bem como o porquê essas entidades espirituais a escolheram como forma efetiva de comunicação em detrimento de outros que compõem o rico universo de peças constituintes da linguagem.

Para isso delinearemos a seguir a teoria de base sociocognitivista da linguagem que nos permitirá traçar o objetivo almejado. Estamos falando da agenda de estudos da Linguística Cognitiva, com a sua Teoria da Metáfora Conceptual e os seus respectivos desdobramentos socioculturais e discursivos, para isso, nos resguardaremos nos seguintes autores: Lakoff e Johnson (1980); Salomão (1999); Kövecses, (2003; 2005); Silva e Leite (2015); Vereza (2007; 2010; 2013); Morato (2013), entre outros).

3 A TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL E OS SEUS DESDOBRAMENTOS CULTURAIS, SOCIOCOGNITIVOS E DISCURSIVOS

“O mundo não é o que vemos, mas o que conseguimos ver”, essa é uma bela frase escrita pela Profa. Dra. Celina Abbade (2016, p. 155) em seu texto Metáforas da (re)encarnação no livro segundo: Mundo Espírita ou dos Espíritos d’O Livro dos Espíritos que poderia figurar como slogan da porta de entrada tanto da linha de pesquisa quanto da teoria de base sociocognitivista que iremos delinear e nos deter para formular a análise pretendida por este trabalho.

Estamos falando da Linguística Cognitiva, que surge nos anos 1980 em oposição as ideias do gerativismo chomskyano com o seu tratamento acerca da gênese da linguagem como uma programação biológica específica inata, afirmando que ela é na verdade uma instituição que emerge e é construída na interação, em contextos específicos do uso linguístico e de práticas sociais (MORATO, 2013). Sua pesquisa, portanto, caracterizam-se por “estudar a linguagem como parte integrante da cognição e manifestação da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento mental e da experiência individual, social e cultural” (SILVA; LEITE, 2015, p. 1).

Dentre o seu escopo analítico donde estão à análise frames, modelos cognitivos idealizados e metonímias conceptuais (FERRARI, 2011), este artigo insere-se na linha de trabalho impulsionada pela chamada “revolução” por Silva e Leite (2015) no que tange ao estudo da linguagem metafórica realizada nos anos 1980. Como afirma Vereza (2010, p. 200) usos linguísticos cotidianos como “isso é só modo de dizer”, “isso é só maneira de falar” ou “é só uma expressão” denotam a ideia de que figuratividade pode-se traduzir como um desvio. Já que como para retóricos como Platão e Aristóteles, sempre existiu na linguagem um modo literal de se dizer as coisas e um modo decorativo e ornamental de se falar (SOUSA, 2016). A partir desse ponto de vista, metáforas apenas serviriam como instrumentos linguísticos utilizados por cidadãos que teriam uma determinada “cognição privilegiada”, ou seja, por grandes personalidades da retórica ou da poesia, com o intuito de embelezar e tornar mais difícil a interpretação do seu discurso. Na perspectiva tradicional, a linguagem figurada nada teria de papel no centro de produção de sentido linguístico, sendo ela uma anomalia para a literalidade por não conceber aos falantes a possibilidade de realizarem uma proposição textual que estabelecesse relação direta entre realidade, conceito e palavra (VEREZA, 2010).

Contudo, com a curiosidade dos estudiosos americanos George Lakoff e Mark Johnson (1980) ao verem a extensiva presença da metáfora no discurso cotidiano das pessoas, esses pesquisadores buscaram, através da publicação de *Metaphors We Live By*, derrubar a tese de que a figuratividade não possuía nenhum efeito cognitivo na mente dos falantes. Advogando os que “nosso sistema conceitual, a partir do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico pela sua própria natureza” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 3). Assim, como afirma Vereza (2010) a insignificância conceptual da metáfora é retirada e sua relevância para a linguagem e a comunicação humana passa a ser reconhecida.

A partir desse momento, passa-se a crer que o *locus* da metáfora é o pensamento, e que nele há mecanismos mentais que são articulados para fazerem emergir significações formuladas em um determinado *inconsciente cognitivo coletivo*. Ou seja, os exemplos metafóricos apresentados na obra seminal da Linguística Cognitiva de Lakoff e Johnson (1980) serviriam como dado empírico comprobatório de que uma metáfora como A VIDA É UMA VIAGEM², presente na sentença popular “rodamos, rodamos e não chegamos em lugar nenhum!”, estaria presente em todas as línguas humanas. Quando se inicia, como assinala Vereza (2007), um batalhão de pesquisas que procuravam aferir quais as metáforas, no nível do pensamento, licenciariam determinadas expressões linguísticas. Numa frase na qual um suposto evangélico dissesse, por exemplo: “Senhor Jesus, meu corpo é a tua casa!” a metáfora conceptual CORPO É UMA RESIDÊNCIA estaria licenciando hipoteticamente o desdobramento dessa sentença.

Contudo, como o próprio termo utilizado já faz referência a hipóteses não são evidências autênticas, o que fez pesquisadores como Salomão (1999), Kövecses (2003, 2005), Vereza (2007; 2010; 2013), Morato (2013), entre outros, questionarem como uma teoria que se propõe a ser maximamente centrada no uso pode responder perguntas linguísticas utilizando-se de exemplos tidos como inventados.

Nesse ínterim, a partir das discussões desses pesquisadores, surgiu a chamada *Nova Teoria Contemporânea da Metáfora* (SILVA; LEITE, 2015), traçando um outro rumo para o estudo da metaforicidade: (i) neste novo momento, a linguagem figurada, que era vista apenas como um fenômeno decorativo da linguagem ou apenas como uma agente construtora cognitiva de conceitos, podendo ter acesso a ela por meio de marcas linguísticas hipoteticamente formuladas, passa a ser vista como um dispositivo elementar de organização do

²Modelo padrão de representação em Linguística Cognitiva das metáforas produzidas no e pelo discurso nas interações reais de comunicação humana.

discurso. Local onde fatores pragmáticos, linguísticos e sociocognitivos se juntam, segundo Vereza (2010), para tecer objetos do discurso, ou seja, novos pontos de vistas; (ii) neste novo tempo, metáfora tem a ver agora não com um universo neuropsicológico universal, no qual se acreditava que todas as línguas recrutavam os mesmos aspectos cognitivos no processamento de uma construção metafórica, mas sim com fatores culturais determinados e específicos. Aspectos específicos de uma determinada comunidade social devem ser levados em conta com atenção por um estudioso da figuratividade, já que por meio deles será possível explicar o porquê do surgimento de inovadoras metáforas conceptuais (KÖVECSES, 2005) (VEREZA, 2013); (iii) neste novo percurso, cognição, sociedade-cultura e discurso devem andar sempre juntos, de maneira inseparável (SALOMÃO, 1999), a fim de que se hajam análises avançadas sobre o seu uso e a sua função em seu nível emotivo, persuasivo, manipulador, mítico e ideológico em variados gêneros discursivos (SILVA; LEITE, 2015).

Como recurso metodológico de observação dentre os que surgiram nesse novo leque de pesquisas da metaforicidade, surgiu o instrumento metodológico elaborado por Vereza (2007) denominado, "nicho metafórico". Segundo a autora, ao utilizar um conceito retirado do campo das ciências biológicas, o nicho metafórico enfoca o fenômeno da figuratividade como peça elementar de organização do discurso, podendo ser uma unidade semântico-discursiva como um parágrafo, serem totalmente estruturados de maneira textualmente coesa e coerente por uma rede metafórica. A unidade analítica esta que utilizaremos em nossa observação do discurso dos Pretos-Velhos logo mais.

Leme (2003) estudou a *Indeterminação e as metáforas no discurso religioso*, mostrando o poder delas na retórica protestante, Lopes (2015) observou as *Metáforas Divinas*, procurando observar a construção da conceptualização de Deus, Santo (2018) aferiu o papel agentivo da figuratividade na *Construção do ritual de exorcismo no Catolicismo* e Santo (2021) apontou a função dela no

Desdobramento textual de canções gospel. Por essa razão, impulsionado por esse leque de pesquisas que assinalam para essencialidade da metaforicidade no discurso religioso, procuraremos aqui avançar um pouco nessa agenda de estudos, dando oportunidade agora aos mortos de nos revelar, por meio de suas mensagens, o porquê eles utilizam-se desse construto sociocognitivo da linguagem para se comunicar.

4. ANÁLISE DO *CORPUS*: OS MORTOS SE COMUNICAM CONOSCO ATRAVÉS DE METÁFORAS?

A fim de realizar a análise pretendida, foram selecionadas comunicações de Entidades de Luz que para o *Vale do Amanhecer* são chamadas de Pretos-Velhos. Essas comunicações que são passadas por meio dos médiuns de incorporação, ou, Aparás, foram disponibilizadas publicamente no *Youtube* pelo (i) Templo Aldanos do Amanhecer (SP) e pelo (ii) Templo do Amanhecer Baiano (BA). Existem dois tipos de interlocuções desses espíritos com as pessoas: uma de nível restrito e sigiloso, na qual o sujeito conversa com o espírito sobre questões bastante pessoais; e outra de nível coletivo, na qual o espírito busca trazer informações, indagações e inquirições do além-túmulo, para melhor conduzir as atitudes diante dos fatos e acontecimentos da vida ordinária em sociedade.

A primeira mensagem de Pai João de Enoque, executivo da doutrina, transmitida pelo médium X, busca trazer aos membros do Templo Aldanos do Amanhecer um recado da espiritualidade acerca da pandemia de Covid-19. A entidade assim argumenta:

Graças à Deus! Graças à Deus! Louvado seja o nosso senhor Jesus Cristo! Louvado seja o nosso senhor Jesus Cristo! Louvado seja o nosso senhor Jesus Cristo! Salve (1) *a força de toda essa Corrente Indiana do Espaço!* Salve (2) *as forças benditas que vem do Cristo* (3)

curador! Salve Deus! Filhos queridos do meu coração, essa foi a hora precisa desse Pai João de Enoque se fazer presente, em Cristo Jesus!. Pai João de Enoque não poderia deixar os meus filhos diante do que está a acontecer, por isso venho vos lembrar e vos recomendar a estarem atentos, a mudarem as vossas mentes, a mudarem os vossos corações, (4) *colocando neles mansidão*. Lembrem-se meus filhos queridos que a doutrina do Vale do Amanhecer (5) *é uma seriedade*. Vocês, jaguares, precisam (6) *ajudar o mundo na vossa precisão*. Em volta de vocês, nesse momento, (7) *há uma escuridão imensa*. Se vocês não se apegarem a Deus, e a doutrina (8) *que vocês colocaram dentro dos vossos íntimos*, nada acontecerá. (9) *Por conta dessa escuridão*, vocês já pensaram em todos aqueles (10) *que já partiram*? Vocês não sabem o quanto (11) *a espiritualidade está trabalhando* para acolher esses (12) *desencarnados*. (13) *Vocês têm muito trabalho a fazer meus filhos e terão seus merecimentos*, e hoje foi hora precisa, a bendita hora de (14) *colocar a mão em vossos pensamentos e colocar a mão em vossos corações*. Vocês estão atravessando (15) *uma guerra meus filhos*. As vezes vocês não têm noção (16) *da força que vocês têm e da força que vocês manipulam*. Em Cristo Jesus, pensem em ajudar os desencarnados que estão no mundo das sombras, pois não quero que vocês (17) *se percam diante das vossas evoluções*. (informação verbal)³.

Assim como fazem outros Pretos-Velhos que incorporam nos médiuns Aparás nos trabalhos espirituais do *Vale do Amanhecer*, Pai João de Enoque inicia o seu discurso louvando a Deus. Após isso, salda a Corrente Indiana do Espaço na locução (1), que é o *Vale do Amanhecer*, pela “força” que é emanada por ela. Ao fazer isso, Pai João de Enoque utiliza-se, cognitivo-discursivamente, dos conhecimentos mentais, experienciais e socioculturais tanto do aparelho humano o qual se faz instrumento, quanto dos que ali se fizeram presentes para o escutar, com “geração, manipulação e distribuição de eletricidade” para tecer, “online” (VEREZA, 2013, p. 6) uma conceptualização acerca da corrente religiosa que ele espiritualmente integra por meio da seguinte metáfora: DOUTRINA RELIGIOSA É UMA

³Transcrição da mensagem de Pai Joaquim de Enoque pelo médium X, disponível no canal de Antônio Davi Brito no *Youtube*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjV4MErrfIY>. As marcações em itálico representam o desdobramento cognitivo-discursivo da metáfora no texto.

USINA DE ENERGIA. Para os membros do VDA os trabalhos espirituais que ali se produzem manipulam e purificam a energia das pessoas, o que ancora a compreensão dessa metáfora no contexto que ela, “no discurso” (VEREZA, 2007), é elaborada.

Dando continuidade à sua comunicação, Pai João salda a Jesus Cristo, indagando sobre as forças que ele possui e que dele partem. Sendo assim, essa entidade espiritual mais uma vez utiliza-se dos conhecimentos mentais, experienciais e sociais tanto do médium que está incorporado quanto dos sujeitos que o escutam, para falar sobre Cristo através da metáfora: JESUS É UMA USINA DE ENERGIA, no período (2). Jesus, para os adeptos do VDA, seria um verdadeiro alicerce, uma nascente geradora de energia, que daria a base primordial para a manutenção e o funcionamento dos trabalhos que propiciam libertações e curas espirituais na doutrina. O que, em nível de coesão textual e coerência sociocognitiva, o que justifica o uso dessa metáfora pela entidade espiritual incorporada no médium quando ela quer fazer-se entender pelos sujeitos habitantes do mundo dos vivos. No caso, os adeptos do VDA que vivem em um universo sociocultural recheado de ideias compartilhadas.

Na mesma sentença, Pai João de Enoque dá, na locução (3), o de curador. Humanamente falando, sabe-se que fundamentos sobre “tratamento de doenças, tratamento de enfermidades e a recuperação” delas vêm em grande parte dos saberes advindos da medicina. Por isso, se o espírito está conversando exatamente com indivíduos “encarnados” ele utiliza-se do cognitivo-discursivamente desses entendimentos socialmente distribuídos para operacionalizar a metáfora: JESUS É UM MÉDICO. Para os membros do VDA, bem como para o Espiritismo Kardecista, por exemplo, este foi o sujeito mais evoluído a pisar na Terra, o que ampara a crença desses adeptos no seu poder e conseqüentemente ao que a entidade espiritual se refere.

No período (4) Pai João de Enoque começa a falar especificadamente sobre a pandemia de Covid-19, chamando atenção no que tange à conduta dos médiuns do *Vale do Amanhecer* diante desse período pandêmico. Nesse sentido, recomenda aos que chama de seus “filhos”, que procurem mudar suas mentes e seus corações, colocando neles “mansidão”. Nesse ato discursivo, a entidade espiritual mais uma vez utiliza-se de saberes socioculturais humanos para com eles falar. Nesse caso, usa o sistema conceptual deles adquiridos através de experiências de entrar e sair de lugares, de estar dentro ou fora de um espaço, de encher ou esvaziar um copo de água, por exemplo, para formular as seguintes metáforas chamadas de contêiner: O CORAÇÃO É UM RECIPIENTE, A MENTE É UM RECIPIENTE e A MANSIDÃO É UMA SUBSTÂNCIA. Como há um costume comum em sociedade de conceptualizar que o amor, a tristeza, a alegria, dentre outros sentimentos, estão dentro do coração ou da mente, o espírito aplica essa operação cognitivo-discursiva para alcançá-los.

Na locução (5) Pai João chama a atenção dos médiuns da doutrina que eles integram uma seriedade. Segundo o Dicio – Dicionário de Português Online (2021), seriedade seria a qualidade ou o caráter de ser sério. Kövecses (2003) indagou que pela linguagem os seres humanos podem conceptualizar as suas experiências como emoções ou adjetivações, o que acontece nesse momento de tessitura textual vinda de um espírito que vive no além-túmulo: ele constrói a metáfora situada na DOUTRINA RELIGIOSA É UMA QUALIDADE MORAL HUMANA para chamar a atenção dos médiuns sobre a importância dos seus trabalhos espirituais, que devem ser levados dia a dia de maneira compenetrada e compromissada.

Na fala (6) Pai João de Enoque, ao iniciar seu discurso sobre a importância do trabalho espiritual dos médiuns para a manutenção do equilíbrio de um planeta que está em um período de pleno surto pandêmico, informando a eles que precisam ajudá-lo. Nesse momento, conceptualiza-o personificando-o pela metáfora: O MUNDO É UM SER HUMANO, já que ele, estando por um momento de

precisão, necessidade e aflição, necessita de suporte e ajuda, assim como acontece ordinariamente com os sujeitos sociais: eles precisam muitas vezes uns dos outros.

A entidade argumenta, na locução 7, especificadamente sobre as características da Covid-19 no que toca à compreensão dada pelo mundo espiritual. Segundo o espírito “há uma escuridão imensa a nossa volta”, um magma “maligno” para a Terra trazido por forças negativas. Doença nesse instante passa a ser, cognitivo-discursivamente, não um estado clínico-médico, mas um estado de falta de luz, um estado climático de sofrimento ocasionado pelo que há de mal. Nesse sentido, Pai João utiliza-se de metáforas para revelar a seus “filhos” o entendimento espiritual acerca do vírus que circula, e que assola a humanidade na atualidade: A DOENÇA É UMA ATMOSFERA, DOENÇA É UMA ESCURIDÃO.

Pai João informa aos jaguares do Vale do Amanhecer, no período 8, sobre como eles devem se proteger da Covid-19: “se apegando a doutrina que eles colocaram dentro dos seus íntimos”, ou seja, se apegando aos princípios dela, às suas recomendações, bem como ao seu trabalho em prol da caridade e do trabalho de auxílio espiritual aos necessitados. Nesse instante mais vez o espírito de luz utiliza-se de metáforas de contêiner para conceptualizar textualmente tanto os adeptos quanto a corrente religiosa que ele integra espiritualmente: DOUTRINA RELIGIOSA É UMA SUBSTÂNCIA porque ela é a essência que irá penetrar os seus membros e SER HUMANO É UM RECIPIENTE pois eles serão os receptáculos desse elemento, que penetra suas ideias, ações, emoções e disposições em vida.

Nas locuções (9) e (10) há um entrelaçamento de metáforas particular. Pai João, ainda articulando sua argumentação espiritual sobre a Covid-19, diz que por conta da escuridão, que já identificamos que seria o vírus, muitas pessoas partiram, morreram. Nesse caso, há a emergência de uma metaforicidade que se completa. Se a DOENÇA É UMA ESCURIDÃO, é para essa entidade espiritual, a verdadeira causadora das milhares de mortes noticiadas ao redor do mundo: A

ESCURIDÃO É UM SER HUMANO, e por consequência, A ESCURIDÃO É UM SER HUMANO ASSASSINO. Os que morreram, que partiram, apenas fizeram uma travessia, sendo seus falecimentos não um fim, pois A MORTE É UMA PASSAGEM, A MORTE É APENAS A DESTRUIÇÃO DO CORPO FÍSICO.

Continuando a nossa análise, temos que nos períodos 11 e 12 parece acontecer o mesmo fenômeno acima mencionado, pois ao indagar que a “espiritualidade está trabalhando” para receber os “desencarnados”, Pai João conceptualiza cognitivo-discursivamente a espiritualidade através de uma personificação por meio da metáfora ESPIRITUALIDADE É UM GRUPO DE TRABALHO HUMANO. Se ela, assim como indivíduos que residem no mundo físico que se reúnem para trabalhar (o que demanda, como se sabe socialmente, esforço físico, esforço mental, compromisso, dedicação, sabedoria e etc.), a espiritualidade age como esse grupo. Esse grupo de trabalho atua para receber os recém-chegados da terra, ou seja, os que retornaram, para o que seria para o *Vale do Amanhecer*, a pátria-mãe de toda a humanidade. Neste caso, a metáfora A MORTE É O RETORNO DA ALMA AO MUNDO ESPIRITUAL estaria agenciando o discurso comunicativo desse ser espiritual, que mais uma vez busca atingir, com coesão textual e coerência sociocognitiva, os seus ouvintes.

No período 13, Pai João de Enoque nos revela no discurso, assim como ilustrou Medeiros (2018) na análise da obra espírita “Nosso Lar” (1944), que as estruturas e organizações do mundo dos mortos são bastante parecidas com estruturas e organizações do mundo dos vivos. Ao falar do trabalho espiritual dos adeptos do VDA, Pai João informa para que esses indivíduos não se preocuparem, pois ao término de seus compromissos com a espiritualidade, estes receberam seus merecimentos. Entendemos que esses merecimentos seriam os devidos salários, se formos comparar com a forma que se configura o mercado de trabalho humano. Nesse sentido, verificamos no período referenciado da sentença (13) o desdobramento textual da metáfora TRABALHO NO MUNDO DOS

ESPÍRITOS É TRABALHO NO MUNDO TERRENO. Já que mesmo não recebendo cédulas de dinheiro, os que cumprem seus serviços espirituais recebem as suas recompensas por meio de bênçãos espirituais.

Indagando sobre a importância do momento preciso da sua presença, que ela diz ter sido autorizada pelos mundos superiores, a entidade diz (locução 14) que veio para “pôr a mão na mente e nos corações” dos seus congregados do mundo físico. A não ser numa autópsia médica, sabemos que não é possível colocar as mãos humanas diretamente nos órgãos que Pai João cita. Assim, com o intuito de cumprir com o objetivo de obter sucesso na construção da sua intencionalidade discursiva, ele procura consular os adeptos do VDA diante do momento de desespero mundial diante do novo Coronavírus, conceptualizando as estruturas corporais humanas compreendidas como portadoras de sensações e emoções através das metáforas: A MENTE É UM OBJETO MANIPULÁVEL e O CORAÇÃO É UM OBJETO MANIPULÁVEL. Sendo assim cognitivo-discursivamente simbolicamente palpáveis podem dessa maneira receber o suporte e os ajustes necessários para funcionarem de maneira saudável.

Pai João de Enoque articula novamente uma conceptualização no âmbito de entendimento espiritual acerca da Covid-19, na locução 15, ao falar dela diz “vocês estão enfrentando uma guerra, meus filhos”, modelando no discurso a metáfora DOENÇA É GUERRA, que ilustra mais uma vez o uso que essa entidade espiritual faz dos domínios conceptuais experientialmente organizados na mente do instrumento humano que utiliza sobre guerrear, lutar, batalhar atacar, contra-atacar, vencer, perder, cair, levantar, golpear, retrucar e etc., para atingir com eficácia aqueles que o escutam. Assim como o médium, tem entendimentos preconcebidos sobre a temática, o que torna a fala desse espírito que procura trazer mensagens do além-túmulo não assustadora, mas sim sociocognitivamente coerente e aceitável.

Ao terminar de falar sobre o enfrentar da guerra contra a Covid-19 na locução 16, Pai João argumenta sobre a “força” que os jaguares do *Vale do Amanhecer* possuem, bem como a capacidade que eles possuem de manipulá-las. Mais uma vez, assim como ocorreu na conceptualização discursiva de Jesus Cristo anteriormente, há agora o uso do sistema conceptual do médium, bem como dos que o escutam, com manipulação, gestão e distribuição de eletricidade, a qual a fonte seria os membros do VDA. Nesse momento, há a emergência cognitivo-discursiva da metáfora O SER HUMANO É UMA USINA DE ENERGIA já que segundo essa entidade seus filhos, com a função de ajudar o mundo na situação em que está, precisam fazer-se operar os trabalhos espirituais dos Templos com as suas forças físicas, mentais e ritualísticas, o que seria o minadouro de energia elétrica que ajuda esta doutrina a cumprir a sua missão: auxiliar os mais necessitados em suas aflições e obsessões espirituais.

Para Lakoff e Johnson (1980) a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM faria parte de inúmeros contextos socioculturais de fala, e no âmbito da doutrina religiosa do *Vale do Amanhecer* esse instrumento figurativo se faz presente. Afirmamos isso pois no período 17, Pai João, já findando seu discurso através do médium que está incorporado, pede para que os adeptos do VDA cumpram as suas missões de trabalho na lei da caridade, para que eles “não se percam no seu caminho de evolução”. Sabendo que os sujeitos sociais possuem diversas experiências com “locomoções, idas e vindas, chegadas e partidas, deslocamentos de um ponto ao outro”, podemos mais uma vez reafirmar que a entidade espiritual incorporada em seu aparelho humano de comunicação, utiliza-se desse conhecimento do médium e dos que ali escutam para traçar a sua interlocução utilizando-se da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM. Se jaguares não podem se perder, eles precisam ser o caminho indicado pela espiritualidade, a rota da vida traçada por ela para que eles não deixem de cumprir seus propósitos no mundo físico, o que faz o espírito operar com a figuratividade para patentear essa ideia apresentada aos médiuns

do VDA quando eles entram na doutrina, agora, é claro, de maneira espiritualmente formulada e postulada.

O primeiro texto analisado foi articulado pela entidade espiritual para uma comunicação destinada aos adeptos do *Vale do Amanhecer*. Contudo, ela também pode ter atingido os ouvidos dos visitantes que ali se fizeram presentes. O segundo discurso que iremos analisar é mais diretamente estruturado para uma interlocução com os pacientes, aqueles que procuram ajuda para as suas aflições no Vale. Entretanto, também os médiuns ali presentes podem ter sido atingidos pela mensagem dita, já que acreditam que essas ponderações do além-túmulo também podem ser uteis para as suas vidas cotidianas.

O discurso a que nos referimos é o da Preta-Velha, Vovó Catarina das Cachoeiras, que incorporada na médium Y, procura falar com os sujeitos que a escutam no Templo do Amanhecer da Bahia no dia 28 de junho de 2020 para tratar também sobre o período pandêmico de Covid-19:

Salve Deus meus filhos! Salve os Pretos-Velhos benditos! Salve a Vovó Catarina das Cachoeiras, nas graças de Deus! Salve (1) *a força de Jesus todo poderoso*, (2) *dessa luz que irradia o mundo*. Essa velha vem te dizer para agradecer, essa velha vem te dizer para amar ao teu próximo como a ti mesmo, mas acima de tudo para se amar, em primeiro lugar. Graças a Deus vocês estão vivos, e estão passando por esse momento com toda a segurança. Muitos de vocês não pensam nas coisas que estão passando meus filhos. (3) *Aqui no plano espiritual também estamos trabalhando a todo vapor para ajudar os filhos da terra. Amem mais. Que Deus*, (4) *o grande governador da Terra*, estejam com vocês. (5) *Escutem nesse momento essa velhinha, fechem os seus olhos, vou fazer uma limpeza espiritual em vocês. Salve o povo do oriente! Salve o povo das cachoeiras, nas graças de Deus! Salve o amor incondicional!* Meus filhos, peço que antes de abrirem os olhos, imaginem o que essa velhinha vai dizer, imaginem que vocês estão agora no alto de uma montanha, e nela cai uma cascata em direção a cachoeira, ali vocês estão mediunizados, e (6) *sentindo a energia que vem da natureza*. Nesse momento vocês só escutam pássaros cantando, o som da água caindo, o vento em seu rosto, e vocês repetem com essa velha: (7) *eu sou um raio de sol*, e (8) *assim como o sol eu nasci para brilhar*.

Esta velha agradece a oportunidade de se fazer presente.
(informação verbal)⁴.

Assim como Pai João de Enoque, a Preta-Velha Vovó Catarina começa seu discurso saldando as entidades que o *Vale do Amanhecer* tem como iluminadas: os outros Pretos-Velhos, Deus, e após isso Jesus. Na tessitura discursiva sobre Cristo essa entidade espiritual refere-se a Ele pela sua “força”, o seu “poder” em (1). Acreditamos que nesse momento, como na análise do discurso de Pai João, Vovó Catarina utiliza o arranjo sociocognitivo e conceptual da médium sobre “manipulação, geração e distribuição de eletricidade” para conceptualizar o filho de Deus por meio da metáfora JESUS É UMA USINA DE ENERGIA. Atingindo por consequência, os seus ouvintes, os pacientes do VDA e os seus adeptos, que também inseridos em uma sociedade repleta de saberes compartilhados consegue captar e incorporar o que o ser do além-túmulo quer dizer. Em (2) ela ainda conceptualiza Jesus, só que de outra forma, como forma luminosa, instrumento de claridade, a antítese da escuridão, o farol que abrilhanta o caminho através da metáfora JESUS É LUZ. Como discutido anteriormente, Jesus Cristo é tido como o espírito mais evoluído a pisar na Terra tanto para o VDA como para outras filosofias espiritualistas, o que ancora esse a aceitação desse entendimento por parte de quem está recebendo, passando e ouvindo essa interlocução espiritual.

Vovó Catarina das Cachoeiras operacionaliza uma metáfora (3) também elaborada no discurso de Pai João de Enoque: TRABALHO NO MUNDO DOS ESPÍRITOS É TRABALHO NO MUNDO TERRENO, já que ela procura passar nesse momento, a partir de todo um domínio conceptual socioculturalmente concebido sobre o que é

⁴Transcrição da mensagem da Preta Velha Vovó Catarina das Cachoeiras pelo médium Y, publicado pelo canal dos Portadores da Luz no Youtube, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=P7MYh1hzi68&t=1s>. As marcações em itálico representam o desdobramento cognitivo-discursivo da metáfora no texto.

trabalhar (o que demanda esforço físico, esforço mental, compromisso, assiduidade, sabedoria e etc.) para passar para os seus ouvintes a informação sobre como nesse momento de pandemia de Covid-19 a espiritualidade está trabalhando “a todo vapor”, pontua ela. Socialmente, sabemos o que é isso: trabalhar intensamente, de forma árdua, assoberbada, energética e etc. Por isso, indagamos que é nessa articulação espírito – sistema conceptual do médium que recebe o espírito – e sistema conceptual das pessoas que o ouvem que esse discurso se conecta de maneira efetiva.

Ainda sobre a análise tem que na linha 4 Vovó Catarina das Cachoeiras salda a Deus o concebendo textualmente como “governador da Terra”. Cognitivo-discursivamente é utilizado nesse ato de fala as experiências do seu aparelho mediúnico e dos seus ouvintes acerca do “sistema governamental humano, do sistema jurídico, de organizações e relações institucionais” para que esse espírito possa falar sobre um entendimento espiritual acerca de Deus, o de governante. Neste caso, compreendemos o surgimento da metáfora DEUS É UM ADMINISTRADOR viabilizando o desdobramento do sistema de significação entrelaçado nessa sentença.

Em (5) a supracitada entidade espiritual diz que vai fazer uma limpeza espiritual naqueles que a escutam, os quais ela denomina de “filhos”. Nesse momento ela pede que os presentes fechem os olhos e a ouçam, escutem as frases que ela vai expor. Essas sentenças são as saudações aos Pretos-Velhos, a natureza, ao amor incondicional. Falar, e conseqüentemente, escutar essa fala, é tecido cognitivo-discursivamente de forma metafórica, já que é articulado conceptualmente nesse instante conhecimentos humanos acerca dos instrumentos de limpeza, que promovem renovo como um banho ou uma troca de roupa para criar uma significação sobre as peças linguísticas que os sujeitos usam para se comunicarem uns com os outros. Neste caso, a metáfora situada de emergência é DISCURSAR É HIGIENIZAR. Pois elas, segundo Vovó Catarina, aos serem

introduzidas pelos indivíduos (inclusive ela pede para eles fecharem os olhos) os limpam, os regeneram, os transformam.

Em (6) Vovó Catarina das Cachoeiras, ao realizar um tipo de exercício de meditação com os membros e adeptos do *Vale do Amanhecer*, pede que eles sintam a energia que vem da natureza. Usando a metáfora A NATUREZA É UMA USINA DE ENERGIA que articula cognitivo-discursivamente, assim como visto anteriormente, saberes humanos pré-concebidos sobre geradores de força e eletricidade para falar de um determinado objeto, pessoa ou elemento.

Finalizando a sua argumentação que vem no sentido de trazer harmonia e serenidade aos que a escutam e entronizam, a entidade supracitada pede para que seus “filhos” repitam com ela que eles são, em (7), raios de sol, e que assim como nasceu o sol, eles nasceram para brilhar (8). Aqui há um verdadeiro entrelaçamento figurativo, pois como O SOL É UM SER HUMANO, que nasce e passa a ter vida assim como uma pessoa, OS SERES HUMANOS SÃO RAIOS SOLARES que podem raiar, brilhar, iluminar.

Observado e analisado os discursos das entidades que elencamos em tela neste trabalho fica claro o quanto, no nível do texto e do discurso, não é só as pessoas que procuram ouvir os mentores iluminados em busca de recomendações doutrinárias ou de respostas que afagam e ressignificam as dores daqueles que sofrem. As Entidades de Luz, ao compreenderem que os indivíduos que os buscam são sujeitos inseridos e imersos em um mundo repleto de saberes socioculturalmente compartilhados, necessitam usar desses saberes conceptualmente pré-concebidos e organizados para trazerem recomendações do mundo espiritual. O que torna a relação cognitivo-discursiva espírito → médium → ouvinte um verdadeiro portal entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, no qual a metáfora torna-se a fidedigna ponte linguística de travessia entre esses dois universos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como finalidade observar algumas maneiras de figuratividade, ou seja, a linguagem metafórica possui algum tipo de função agentiva na construção discursiva de comunicações classificadas para a crença religiosa da doutrina religiosa brasileira do *Vale do Amanhecer* como espirituais. Segundo essa corporação sociocultural, sujeitos mortos ancestrais que passaram pela Terra, teriam retornado a ela, pelo amor e pela caridade, para orientar, ajudar e consolar as pessoas através do intermédio de médiuns de incorporação chamados como Aparás. Ao percebermos que, como afirma Oliveira (2014a, 2014b), essas interlocuções possuem um valor singular para o VDA no que toca seus membros e visitantes, proporcionando a eles momentos de êxtase emocional, esta pesquisa instigou-se a ouvir essas vozes do além-túmulo através de gravações disponibilizadas publicamente no *website* Youtube.

Ao examinar a arquitetura textual do espírito de Pai João de Enoque, e do espírito de Vovó Catarina das Cachoeiras concluímos que esses moradores do mundo dos mortos utilizam-se do sistema mental, conceptual e sociocultural organizado e pré-concebido na mente dos médiuns para atingirem os ouvidos dos seus ouvintes de maneira coerente e eficaz. Já que tanto o médium que se faz aparelho do espírito quanto aquele que busca escutar a entidade estão circunscritos em um mundo imerso de conhecimentos compartilhados, intersubjetivamente motivado, não podendo os mortos fazerem-se entender pelos vivos utilizando-se de outra linguagem a não ser a deles.

A verificação da emergência de metáforas como DOUTRINA RELIGIOSA É UMA USINA DE ENERGIA, DOUTRINA RELIGIOSA É UMA QUALIDADE MORAL HUMANA, JESUS É UMA USINA DE ENERGIA, DISCURSAR É HIGIENIZAR, DOENÇA É GUERRA, DOENÇA É ESCURIDÃO, DOENÇA É ATMOSFERA, TRABALHO NO MUNDO DOS ESPÍRITOS É TRABALHO NO MUNDO TERRENO, CORAÇÃO É UM RECIPIENTE, MENTE É UM RECIPIENTE, CORAÇÃO É UM OBJETO

MANIPULÁVEL, MENTE É UM OBJETO MANIPULÁVEL, DEUS É UM ADMINISTRADOR, ESCURIDÃO É UM SER HUMANO ASSASSINO, O SOL É UM SER HUMANO e SERES HUMANOS SÃO RAIOS SOLARES ilustra a essencialidade da figuratividade no cerne das práticas ritualísticas espiritualistas. Tal fato aponta para a ideia de que a metáfora se caracteriza como um verdadeiro portal que possibilita aos indivíduos com crenças religiosas traçarem interlocuções linguístico-discursivas com o mundo dos mortos.

Ao aferirmos, através do visto, a potencialidade da metaforicidade no âmbito da misticidade brasileira, fica claro que pesquisas que busquem explorar esse oceano tão profundo, consigam jogar luzes sobre o que há de mais subjetivo na cognição dos sujeitos humanos que acreditam que a vida não tem fim na cova de um cemitério.

REFERÊNCIAS

ABBADE, C. M. de S. Metáforas da (re)encarnação no livro segundo: mundo espírita ou dos espíritos d' o livro dos espíritos. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 155-163.

AUBRÉE, M.; LAPLANTINE, F. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

CAVALCANTI, M. Vida e morte no espiritismo kardecista. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, p. 1-24, 2005. ISSN 1984-0438. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C_autores/CAVALCANTI_Maria_Viveiros_de_Castro_tit_Vida_morte_Espiritismo.pdf. Acesso em: 27 jan. 2021.

FERNANDES, P. **As origens do espiritismo no Brasil**: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914). Orientador: Eurico Antônio Gonzalez Cursino dos Santos. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GALINKIN, A. **A cura no Vale do Amanhecer**. Brasília: Technopolitik, 2008.

KARDEC, A. **O livro dos espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. 93.ed. Brasília, DF: Editora da FEB, 2013.

KÖVECSES, Z. **Metaphor and emotion: language, culture, and body in humanfeeling**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture: universality and variation**. Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. Campinas: Editora da PUCSP, 2002.

LEME, H. **Indeterminação e metáforas no discurso religioso**. Orientadora: Mara Sophia Zanotto. 2003. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

LOPES, B. Metáforas divinas: a conceptualização metafórica de deus no discurso religioso evangélico. **Anais [...]**. V Congresso Internacional da Metáfora na Linguagem e no Pensamento, 2015. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/congressometafora/Lopes.pdf> Acesso em: 10 jun. 2017.

MEDEIROS, A. Política além da vida: o romance espírita Nosso Lar e a ideia de organização política e social na vida após a morte. **Letras Escreve**. Macapá, v. 8, n. 4, p. 141-150, 2018. ISSN 2238 8060.

MORATO, E. A controvérsia inatismo x interacionismo no campo da linguística: a que será que se destina? **ComCiência**. Campinas, n. 152, 2013, s/p. ISSN 1513-7654.

OLIVEIRA, A. “Um hospital espiritual”: os processos terapêuticos no Vale do Amanhecer. **Revista Caminhos: Revista de Ciências da Religião**. Goiânia, v. 12, n. 1, p. 39-52, 2014. e-ISSN 1983-778X.

OLIVEIRA, A. **Entre caboclos, pretos-velhos e cores: a imersão dos sujeitos no universo místico-religioso do Vale do Amanhecer**. Orientador: Roberto Mauro

Cortez da Motta. 2011. 231 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

OLIVEIRA, A. O aparé e seu corpo. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, n. 34, p. 146-172, 2014. ISSN 1984-0438.

OLIVEIRA, A. Percursos biográficos e eficácia simbólica: percursos no Vale do Amanhecer. **Revista Mediações**. [S. l.], v. 15, n. 2, p. 248-265, 2010. e-ISSN 2176-6665.

SALOMÃO, M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999. e-ISSN: 1982-2243.

SANTO, B. A construção cognitiva do ritual de exorcismo no catolicismo: uma análise por meio da série The Exorcist. **Mosaico**. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 377-399, 2018. e-ISSN 1983-7801.

SANTO, B. Cognição e espiritualidade: o papel da figuratividade em um texto ritualístico de doutrinação de espíritos sofredores. **Miguilim: Revista Eletrônica do Netlli**. [S. l.], v. 8, n. 2, p. 448-467, 2019. ISSN 2317-0433.

SANTO, B. O papel da metáfora no desdobramento textual de músicas gospel: uma análise à luz da Semântica Cognitiva. **RE-UNIR**. [S. l.], v. 8, n. 1, p. 135-150, 2021. ISSN 2594-4916.

SANTOS, F. Perspectivas histórico-culturais da morte. In: INCRONTI, D.; SANTOS, F. (org.). **A arte de morrer: visões plurais**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2007, p. 13-25.

SANTOS, J. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997.

SERIEDADE. In: *DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/seriedade/>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SILVA, A.; LEITE, J. E. 35 anos de teoria da metáfora conceptual: fundamentos, problemas e novos rumos. **Revista Investigações**. Recife, v. 28, n. 2, p. 1-23, 2015. ISSN 2175-294X.

SOUSA, A. Metáfora: uma abordagem neurocognitiva. Separata de: ALMEIDA, A.; SANTOS, E. (org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016.

VEREZA, S. "Metáfora é que nem...": cognição e discurso na metáfora situada. **Signos**. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, 2013, p. 2-21. ISSN 1983-0378.

VEREZA, S. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**. [S. l.], v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007. ISSN 1982-4017.

VEREZA, S. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**. Niterói, n. 41, p. 199-212, 2010. ISSN 2447-4207.

Recebido em: 21/05/2021

Aprovado em: 05/06/2021